

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



FRASE

“Lula, vem que o povo te segue”

(Palavras de Pedro Stedile, líder do MST, para incentivar o ex-presidente durante ato, no Rio de Janeiro, em defesa da Petrobras)



Alienígenas à vista

► **Punem-se os corruptos mas salvem-se as empresas, a bem do trabalho, do emprego e da independência do Brasil**

HÁ UMA FORTE reação em movimento para conter a sede de vingança política, inoculada na oposição e sustentada pela mídia, com o objetivo de, ao fim e ao cabo, atingir a presidenta Dilma Rousseff. Em razão disso, os opositores mantidos por falso sentimento de reação à corrupção brasileira, essa nossa velha conhecida, estão dispostos a sacrificar o que for preciso. Inclusive, a democracia.

Punir corruptos e corruptores fará bem ao País. Para isso, no entanto, não é preciso provocar milhares de desempregados e jogar fora todo o conhecimento de tecnologia produzido pelas empresas brasileiras e seus funcionários, ao longo de mais de meio século.

Não é preciso estar enrolado na bandeira nacional para perceber que, sem as empresas brasileiras, acorrerão para cá poderosos grupos estrangeiros “expulsos” daqui pela competição legítima. Nos anos 1950, quando as empreiteiras emergiram, a engenharia internacional ocupava esse espaço. Despontou, então, naquele momento o que foi chamado de “Império das Empreiteiras” embaladas, entre outras atividades, pela criação e afirmação da Petrobras.

“A chamada Operação Lava Jato (...) desencadeou um processo político que coloca em risco conquistas da nossa soberania e a própria democracia.”

“(...) há uma campanha para esvaziar a Petrobras, a única das grandes empresas de petróleo a ter reservas e produção continuamente aumentadas. Além disso, vem a proposta de

entregar o pré-sal às empresas estrangeiras, restabelecendo o regime de concessão, alterado pelo atual regime de partilha, que dá à Petrobras o monopólio do conhecimento da exploração e produção de petróleo em águas ultraprofundas.”

Esses dois trechos apontam para o que “está em jogo”.

O documento, em circulação pelas redes sociais, ignorado pela imprensa conservadora, é assinado, entre outros, por Celso Amorim, dom Demétrio Valentini, Fábio Konder Comparato e João Pedro Stedile.

Os argumentos favoráveis à sobrevivência das empresas citadas na Operação Lava Jato foram sustentados, primeiramente, pela presidenta Dilma Rousseff. A ideia propagou-se. Lula também se jogou na história.

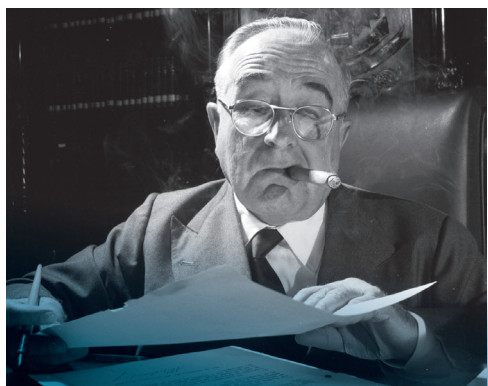
Surge agora, no Rio de Janeiro, o movimento “Aliança pelo Brasil”, já com ramificações em São Paulo e Belo Horizonte. Além de diversas organizações sociais, tem apoio da maioria das centrais sindicais, com projeto de mobilizar a população “em defesa da Petrobras, da política do petróleo e do Estado social-desenvolvimentista”.

Caso haja fôlego, vão botar o bloco na rua.

Essa aliança apresenta-se como representante de 500 mil trabalhadores “com o emprego em risco como consequência da crise na Petrobras”. Para os organizadores já há “milhares de demissões” nas empreiteiras com contratos “de construção ou de prestação de serviços” na estatal.

A aliança também apoia as investigações e os processos contra os supostos corruptos e corruptores que, “comprovadamente”, participaram de ações criminosas. E faz um alerta: “A empresa é um instrumento de organização do processo produtivo; é um meio para produzir bens e serviços, não um fim em si mesma”.

Decretar o fim dessas empresas atinge e abala os projetos da Petrobras.



A eterna repetição dos velhos chavões. Voltamos agora ao começo dos anos 50

Modelo udenista I

A mídia brasileira, de maneira geral, é de coerência monolítica.

Tome-se a linha editorial de *O Globo* como referência.

Recentemente, o jornal voltou a atacar a política da Petrobras para a exploração do pré-sal via regime de partilha. Eis um trecho revelador:

“Se a Petrobras (...) já tinha dificuldades para tocar esse plano de pedigree ‘Brasil Grande’, agora é incapaz de mantê-lo. Não tem caixa nem crédito (para) sustentar o modelo”.

Modelo udenista II

Basta trocar poucas letras desse texto para reencontrar argumentos usados, nos anos 1950, quando da criação da empresa.

Parece misteriosa, ainda hoje, a decisão da UDN de apoiar a estatização como uma medida contrária ao que os udenistas defendiam, mas favorável ao capital estrangeiro.

O presidente Getúlio Vargas, astuto, tinha matado a charada.

Os udenistas apostaram

na incapacidade da empresa, recém-criada por falta de dinheiro e pelo, então, magro conhecimento técnico de exploração do petróleo.

Lascaram-se.

Repetem agora, com oportunismo hipócrita, velhos temas banais do catecismo conservador.

Califado potiguar

Até a presente data, o ex-presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves, derrotado na eleição para o governo do Rio Grande do Norte, onde manda e desmanda, não se dignou a parabenizar Robinson Faria, o eleito.

Amargurado, anda fazendo maldades.

Demitiu o jornalista J. Oliveira, colunista social há 35 anos da *Tribuna do Norte*, jornal da família Alves.

Oliveira fez foto ao lado do governador eleito.

Saída, onde fica a saída? I

Lula comanda o movimento rápido de reaproximação com o PMDB e o agrupamento do PT em torno do gover-

no Dilma. Não há saída pela esquerda nem é novidade para ninguém que a base de sustentação política no Congresso é de centro-direita.

Sem um fato excepcional, como, por exemplo, o protocolo de um pedido de *impeachment* da presidenta na Câmara, os petistas não terão fôlego para mobilizar os movimentos sociais nem a parcela da sociedade que, por quatro vezes, deu duas vitórias a Lula e duas a Dilma.

Saída, onde fica saída? II

A pesada artilharia da mídia, a crise na Petrobras, a inflação elevada e o famoso “ajuste” do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, abalaram a popularidade do governo e da presidenta, como mostraram com clareza os números da pesquisa Datafolha.

Disso se aproveitou o PMDB para peitar o governo.

As pesquisas de março traíram também más notícias para Dilma.

Só rindo

Ouvido nos corredores dos tribunais de Brasília:

Não há nada de ilegal no ato de o juiz Flávio Roberto Souza, da 3ª Vara Federal, dirigir pelas ruas do Rio de Janeiro o carrão de Eike Batista, um Porsche Cayenne, apreendido pela Polícia Federal com autorização do próprio magistrado.

Afinal, a lei diz que é dever do juiz conduzir os autos do processo.

As ex-petistas

Não tem sido pacífica a convivência das mulheres com o PT. Quando a senadora Marta Suplicy confirmar a saída do partido será mais uma das que, por razões diversas, se sentiram estranhas e prejudicadas, com razão ou sem razão, em suas ambições políticas no ambiente petista. A lista é grande. Eis alguns nomes: Heloisa Helena, Luciana Genro, Lídice da Mata, Bete Mendes, Luiza Erundina e Marina Silva. Elas atuaram em momentos diversos. Um dia bateram a porta e foram embora. Geralmente, por conflitos. Umas desistiram e outras buscaram abrigo em outras agremiações partidárias. A presidenta Dilma Rousseff, como se sabe, enfrenta problemas. E é muito provável que, ao completar o mandato, em 2018, não mantenha a militância. Deve dizer adeus à política.